

LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

LITERATURE IN CHILD EDUCATION: PEDAGOGICAL POSSIBILITIES

*Hildegard Susana Jung

**Louise de Quadros da Silva

***Tuélen da Silva de Lima

Recebido em: 22/09/2019

Aceito em: 02/04/2020

Resumo

O tema da pesquisa versa em torno da ação didática na Educação Infantil. O objetivo consiste em refletir sobre o uso da literatura como recurso didático para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem de alunos da educação infantil. Trata-se de um estudo qualitativo, o qual buscou seus dados por meio de uma revisão de literatura pertinente ao tema. Os achados foram examinados à luz das orientações da Análise de Conteúdo. Os resultados apontam para: a) a literatura estimula a imaginação e a criatividade das crianças; b) a literatura facilita o trabalho do professor na educação infantil. Concluímos que os benefícios associados à literatura infantil e o estímulo do hábito da leitura desde a primeira infância são de extrema importância para o desenvolvimento integral da criança, bem como auxiliam de forma significativa na compreensão dos conteúdos abordados durante as aulas e no processo de ensino e aprendizagem como um todo.

Palavras-chave: Educação Infantil; prática pedagógica; literatura como recurso didático.

Abstract

The theme of the research revolves around didactic action in Early Childhood Education. The objective is to reflect on the use of literature as a didactic resource to aid in the teaching and learning process of children's education. It is a qualitative study, which sought its data through a literature review relevant to the topic. The findings were examined in the light of the Content Analysis guidelines. The results point to: a) literature stimulates children's imagination and creativity; b) literature facilitates teacher work in early childhood education. We conclude that the benefits associated with children's literature and the stimulation of the habit of reading from early childhood are extremely important for the integral development of the child, as well as helping in a meaningful way the comprehension of the contents covered during the lessons and in the teaching and learning process as a whole.

Key-Words: Child Education; pedagogical practice; literature as didactic resource.

1 Introdução

A educação infantil é uma etapa extremamente importante para o desenvolvimento das crianças. Nesta fase, o aprendizado é constante e a criança está sempre em contato com um mundo cheio de descobertas,

encantos e magia, mas que também é repleto de regras e deveres, começando a descobrir-se como indivíduo pertencente a uma sociedade. Todo o aprendizado construído nesta fase escolar se reflete ao longo da vida



e cabe aos professores a missão de fazer com que este processo seja prazeroso, divertido e significativo para os pequenos, de modo que seus reflexos futuros sejam positivos e contribuam para a vida destes indivíduos.

Segundo estudos realizados pela Organização Pan-Americana De Saúde (2005, p. 11), com abrangência internacional, o desenvolvimento infantil “é um processo que vai desde a concepção, envolvendo vários aspectos, indo desde o crescimento físico, passando pela maturação neurológica, comportamental, cognitiva, social e afetiva da criança”.

Este desenvolvimento ocorre de maneira mais significativa nos primeiros anos de vida, uma vez que é neste momento que o desenvolvimento da rede neuronal, responsável pelas competências e habilidades humanas, mostra-se mais intenso. Em relação a isso, Evânia Reichert (2011, p. 35) destaca que os neurocientistas descobriram que “durante os três primeiros anos de vida ocorre um extraordinário aumento na produção de sinapses. Em consequência disso, o cérebro infantil se torna superdenso, com o dobro de sinapses de que vai precisar no futuro”. Como sabemos, as sinapses são as conexões entre os neurônios.

Com relação a este mesmo tema, a Oficina de Educação e Cultura da Organização dos Estados Americanos (OEA), por meio do estudo Primeira Infância: um olhar desde a neuroeducação, concluiu que “os primeiros anos de vida são essenciais para o desenvolvimento vital de uma pessoa, já que nesta etapa a genética e as experiências com o entorno perfilam a arquitetura do cérebro e desenham o comportamento humano” (OEA, 2010, p. 07).

Diante de todas estas possibilidades de aprendizado, uma das estratégias mais utilizadas pelos

professores de educação infantil é o uso da literatura como um recurso didático, desenvolvendo atividades lúdicas que surgem através da leitura de livros. No entendimento de Rocha (1987, p. 40), este método de ensino auxilia no processo de construção do conhecimento por parte das crianças pois, segundo o autor, “a leitura pelo seu próprio mecanismo de reflexão e percepção influencia na formação do indivíduo. Como possibilidade reflexiva age na ativação da memória e da criatividade, na expressão oral e escrita”. Na opinião do autor, com a prática diária, a leitura torna-se cada vez melhor em qualidade.

Os livros, portanto, são aliados em uma dimensão ampla do processo de ensino e de aprendizagem. Ao mesmo tempo, a literatura surge como recurso para tratar de assuntos que por vezes são mais complicados de serem abordados como, por exemplo, o preconceito, o medo, a separação dos pais e até mesmo a morte. Dessa forma, quanto mais cedo acontecerem os primeiros contatos com o mundo da literatura e o hábito de ler, maiores serão as contribuições para que aquela criança se torne um leitor no futuro (ROCHA, 1987).

Muitas crianças não possuem o incentivo à leitura dentro de seu ambiente familiar, sendo assim, cabe ao professor apresentar o fantástico mundo dos livros aos pequenos, fazendo com que a literatura infantil auxilie no processo de formação do leitor. De acordo com Ferreira e Dias (2002), a própria sociedade espera essa postura da escola enquanto introdutora da criança no mundo da literatura. Entretanto, as mesmas autoras alertam que os adultos têm “o papel de orientar a criança, servindo-lhe de guia e suporte para a sua aprendizagem; suporte este que deve ser retirado paulatinamente, à



medida que a criança conquista a sua independência enquanto usuária da língua escrita” (FERREIRA; DIAS, 2002, p. 40). Em outras palavras, a escola deve também guiar os futuros leitores para a autonomia, de maneira que consigam eles mesmos ler suas histórias.

É sabido que todos os professores de educação infantil, em algum momento, utilizam a leitura como recurso didático em suas aulas, seja pelo encantamento que este momento gera nas crianças, seja pelo amplo leque de possibilidades que surgem a partir de momentos de leitura. Dessa forma, o presente artigo busca refletir sobre o uso da literatura como recurso didático para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem de alunos da educação infantil.

A arquitetura do artigo segue a seguinte trajetória: após esta breve introdução apresentamos a metodologia do trabalho, seguida da sua fundamentação teórica. Na sequência, figuram os resultados e discussões, e fecham o trabalho as considerações finais e as referências que embasaram as reflexões.

2 Metodologia

A pesquisa tem abordagem qualitativa, a qual Gil (2008) define como aquela que não faz uso de recursos matemáticos na análise de seus dados. Bardin (2006) caracteriza a pesquisa qualitativa como aquela que lança mão de temas subjetivos, como é o caso do presente estudo, que busca refletir sobre a literatura enquanto recurso didático para a facilitação da aprendizagem na educação infantil.

A coleta de dados foi realizada através do método bibliográfico, discorrendo sobre o que os autores conceituados na área de educação falam sobre o tema e analisando o que diz a legislação vigente. Para tanto,

seguindo as orientações de Bardin (2006) e Gil (2008), realizamos uma busca em plataformas de periódicos científicos como Scielo, Capes Periódicos e Google Acadêmico. Além disso, tivemos acesso à biblioteca da Universidade na qual se desenvolveu a pesquisa, bem como utilizamos obras do acervo particular das autoras.

Seguindo os passos de Gil (2008, p. 133), concordamos com o autor quando este explica que a pesquisa pode ser caracterizada como “uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório” (GIL, 2008, p. 133). Dessa maneira, realizamos a escolha dos materiais a serem analisados a partir de seus resumos, obedecendo as quatro regras de Bardin (2006): exaustividade; representatividade; homogeneidade; pertinência. Após a redução dos dados, realizada pela leitura flutuante (BARDIN, 2006), passamos à sua categorização, a qual constou em leitura minuciosa e atenta, buscando os pontos em comum entre os autores, de onde emergiram as categorias, as quais Bardin (2006, p. 37) identifica como uma “espécie de gavetas ou rubricas, significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem”.

No caso desta pesquisa emergiram duas categorias principais: a imaginação e a criatividade desenvolvidas pela literatura e a facilitação do trabalho docente por meio da contação de histórias. A fase seguinte foi a interpretação desses dados e a redação do artigo, segundo orientações de Gil (2008).

3 Referencial Teórico

No Brasil, o acesso à educação infantil é um



direito de toda criança e cabe ao Estado a obrigação de fornecer uma educação de qualidade e gratuita. Tornou-se um dever, a partir da implementação da Lei nº 12.796 (BRASIL, 2013), que estabeleceu que todas as crianças com idade a partir de quatro anos devem ser, obrigatoriamente, matriculadas no nível da pré-escola.

Salientamos que, antes do surgimento desta norma, apesar de o Estado possuir o dever de oferecer Educação Básica, o preceito de matricular a criança em uma escola de educação infantil não era corriqueiro. Seja por escolha pessoal dos pais, ou pela ausência de vagas na rede pública de ensino, geralmente as crianças iam à escola mais tarde, por volta dos cinco ou seis anos de idade. A falta de vagas na escola pública implica na necessidade de realizar a matrícula na rede privada, à qual a maior parte da população não tem acesso.

No entanto, esta obrigação de inserir a criança na educação infantil também passa a estender-se para a família. Os pais ou responsáveis legais de crianças que tenham de quatro a seis anos de idade serão obrigados a matricular seus filhos na pré-escola, fazendo com que a lei não se restrinja mais apenas ao Estado, como estabelece a Constituição Federal de 1988 em seu art. 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). Esta obrigação encontra-se também fixada na Lei nº. 9.394/96, conhecida como Lei de Diretrizes e Base (LDB), pontualmente em seu art. 2º, o qual determina que: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos

princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996).

Sabemos que os conhecimentos adquiridos durante a educação infantil serão a base para o adulto que essa criança se tornará no futuro, sendo assim, introduzir o prazer pela leitura desde cedo poderá ser uma brilhante estratégia para que no futuro ela continue apreciando os livros. Dessa forma, Frantz (2011, p. 33) afirma que o contato com variados tipos livros desde cedo é importante, porque “cada um revelará ao leitor uma faceta diferente da relação texto-mundo”. Este hábito deve ser criado aos poucos, de uma forma divertida, mostrando todas as possibilidades que a literatura pode trazer para a nossa vida, pois ela “é essencial para a formação social do aluno, visto que nela está presente a cultura, contada de uma forma lúdica, que possibilita o indivíduo solucionar questão do seu cotidiano” (DE SOUZA; SANTOS; FERREIRA, 2018, p. 2).

Regina Zilberman (2003, p. 41) destaca que “nós temos que discutir o que é literatura, pois ela é um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais”. A autora menciona a importância de esclarecer o conceito de literatura e de contextualizá-lo de acordo com a época e o ambiente social em que o leitor está inserido, tornando o professor um mediador deste processo.

Sobre o conceito de literatura infantil a autora cita que:

A literatura infantil [...] é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. [...] Aproveitada em sala de aula na sua natureza ficcional que aponta a um conhecimento

de mundo, e não enquanto súdita do ensino de boas maneiras (de se comportar e ser ou de falar e escrever) ela se apresenta como elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional (ZILBERMAN, 2003, p. 25).

De acordo com André (2004) e Nogueira (2018), o gosto pelos livros deve ser despertado aos poucos, contando histórias que condizem com a faixa etária e o desenvolvimento cognitivo das crianças. Precisa ser um momento de diversão e não deve surgir como algo obrigatório dentro das aulas, pois mesmo na educação infantil pode gerar uma reação contrária daquela que foi planejada e esperada pelos professores. Tudo deve ser feito no tempo de cada criança, fazendo com que ela queira participar dos momentos de leitura e sinta interesse pelos livros, como explica a autora:

A relação com o livro antes de aprender a ler auxilia a criança a torná-lo significativo como um objeto que proporciona satisfação. Isto ocorre porque, ao tocar, manusear, olhar, alisar o livro e brincar com suas folhas e gravuras, a criança sente um prazer similar ao proporcionado por um brinquedo (ANDRÉ, 2004, p.18).

De acordo com Paulo Freire (1989), a criança já está em contato com a leitura do mundo e a escrita antes mesmo de entrar para a escola e começar o processo de alfabetização. Na verdade, o mundo está repleto de letras e palavras e, desde muito cedo, ocorre o contato com estes símbolos que as ajudam a identificar o que está acontecendo à sua volta.

Desta forma, os pequenos necessitam apenas ser apresentados ao mundo da literatura para conhecer e decifrar os códigos da língua escrita. Na escola, esse processo deve acontecer de uma forma lúdica, sem parecer

uma obrigação, para que a criança perceba este contato com o mundo letrado como algo positivo, tornando-se naturalmente construtivo e motivador para a continuação de seu desenvolvimento como leitor (NOGUEIRA, 2018; SOUZA, 2016). Nas palavras de Freire (1989, p. 13):

Refiro-me que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

Na maioria das escolas, a tradicional “hora do conto” é um momento muito aguardado pelas crianças pois, além de ser divertido, desperta a imaginação e a criatividade dos pequenos, apresentando um mundo repleto de magia e possibilidades, com histórias que permitem a construção do aprendizado de forma lúdica (SILVA; SAN MARTIN; TADDEI, 2017). O contato com o mundo da literatura desde cedo é de suma importância para que as crianças aprendam, inclusive, a manusear os livros, sendo que muitos chegam à escola sem ter tido um contato de qualidade com a literatura através de sua educação familiar. Este fenômeno faz com que toda a responsabilidade de formar um leitor recaia sobre os professores que, por sua vez, precisam tornar esta relação agradável e interessante para o pequeno leitor que está se formando. Sobre este aspecto, Canto, Nunes e Smaniotto (2017, p. 2) discorrem que:

A orientação e o acompanhamento do educador, com a finalidade de incentivar o interesse do aluno pela leitura, não deve ser de forma ‘obrigatória’, pois o leitor necessita de liberdade. Quando imposta,



cobrada e avaliada por meio de provas ou fichas de leitura, com certeza, este tipo de avaliação afastará o educando da leitura. O professor deve escolher livros que tenham identificação, diretamente relacionada com a vida de seus alunos, para aproximar e resgatar o interesse, a magia, que há nos livros e suas histórias.

De acordo com Reis, Torres e Costa (2016) a ausência do gosto pela leitura nos adultos pode ser explicada através da falta de incentivo à leitura durante a infância e a tendência é que esse ciclo se repita. Ou seja, essa pessoa provavelmente não dará importância para o cultivo do hábito da leitura em seus filhos e sem o exemplo de um leitor dentro de casa é difícil que a criança venha a romper com este paradigma no futuro.

Como relata Almeida (2008, p. 33) “A criança não aprende através da instrução, ela aprende através do exemplo” e segundo Barreto (2019) a escola é espaço adequado para o fomento a leitura e cabe ao educador propor atividades neste sentido. De acordo com Abramovich (1999, p.17) “É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, é viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve [...]”. Neste sentido, autores da área das Ciências Sociais, como Bourdieu (1993; 1997), Coleman (1990) e Loury (1977) sistematizaram os conceitos de capital social e capital cultural. O pioneiro na busca destes conceitos foi Bourdieu (1993, p. 41):

os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional

também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos.

Como podemos perceber, o autor engloba no conceito de capital cultural a variável educacional. Ainda que não se limite a essa variável, a importância atribuída é primordial pois, segundo Bourdieu (1997), a escola é um mecanismo de manutenção da ordem pré-existente, fazendo a seleção entre os que detém capital cultural e os que não o detém. Tem-se, portanto, o que Bourdieu (1993) definirá como habitus, ou seja, as classes menos favorecidas de capital econômico tendem a mostrar-se mais humildes, cultivando um sentimento de incompetência e de aceitação da ordem posta. Esses sentimentos provêm de um “conformismo lógico, de um sentimento do seu lugar que representam um ajuste da personalidade às condições objetivas e às chances reais desses grupos sociais” (BOURDIEU, 1997. p. 549).

Sem a intervenção de um professor ou algum outro personagem para romper este habitus, muitas famílias seguirão por gerações sem conhecer o brilho e a magia do mundo da literatura. Quanto à leitura que é realizada em casa, pela família, a criança cria uma relação de afeto com os livros e as histórias, pois remetem a lembranças de uma época alegre de suas vidas, gerando uma memória afetiva que fará com que ela queira passar isso adiante, para seus filhos e netos. No mesmo sentido, Barreto (2019, p. 24) afirma que “escola e família podem contribuir de maneira significativa na formação de leitores”. A este



propósito, Almeida (2008, p. 32) também destaca que:

A escola e a família são elementos básicos para a orientação de leitores críticos. Ao estabelecermos uma relação entre a família, a escola e a sociedade, onde todos falam a mesma língua sobre a leitura, isto é, fazem da leitura uma atividade cotidiana, fazem do livro um objeto da casa, da rotina da família, dando exemplo, lendo junto, onde o prazer de ler vire um instrumento de estudo e pesquisa e os pais e professores funcionem como faróis que iluminem a leitura de qualidade para conseguirmos resultados positivos, ‘pessoas leitoras’.

Através do contato com a literatura, as crianças se tornam íntimas das letras, descobrindo suas formas e aos pouquinhos reconhecendo as palavras. Todo este processo que ocorre na educação infantil terá um reflexo muito positivo no processo de alfabetização que ocorrerá no ensino fundamental, facilitando o aprendizado e tornando-o prazeroso. Gregorin Filho (2009, p.77-78) complementa que “[...] trabalhar com literatura infantil em sala de aula é criar condições para que se formem leitores de arte, leitores de mundo, leitores plurais”.

Levando em consideração o que disse Alexander Romanovich Luria podemos acrescentar e confirmar o fato de que, na educação, o processo de alfabetização deve ser oferecido para a criança de maneira interessante, lúdica e prazerosa, trazendo significados e fazendo uma relação com a realidade em que ela se encontra. Neste sentido, para facilitar a compreensão da criança, tudo deve ser apresentado de uma forma funcional, facilitando assim o controle de seu próprio comportamento e auxiliando o seu desenvolvimento. Segundo o autor,

Para uma criança ser capaz de escrever ou anotar alguma

coisa, duas condições devem ser preenchidas. Em primeiro lugar, as relações da criança com as coisas ao seu redor devem ser diferenciadas de forma que tudo o que ela encontra inclua-se em dois grupos principais: a) ou as coisas representam algum interesse para a criança, coisas que gostaria de possuir ou com as quais brinca; b) ou os objetos são instrumentais, isto é, desempenham apenas um papel instrumental ou utilitário, e só tem sentido enquanto auxílio para a aquisição de algum outro objeto ou para a obtenção de algum objetivo, e, por isso, possuem apenas um significado funcional para ela (LURIA, 1988, p. 145).

Assim, os momentos de contação de histórias permitem aos alunos o contato com a linguagem escrita padrão, diferente da linguagem oral com a qual eles estão habituados, bem como auxiliam na ampliação do vocabulário das crianças (SILVA, 2018). Essas atividades apresentam palavras novas que só serão descobertas a partir das leituras realizadas pelas professoras durante o período de permanência na educação infantil. Deste modo, os momentos de leitura devem ser planejados com cuidado, tanto na escolha dos livros quanto na criação das atividades que serão realizadas após a roda de leitura.

O professor pode buscar histórias que visem solucionar problemas que tenham surgido na turma ou, simplesmente, para abordar questões mais amplas, como o cuidado com o meio ambiente ou lendas folclóricas, por exemplo. Nesse sentido, o educador deve oferecer livros para que as crianças possam manuseá-los, com pequenas bibliotecas, trocas de livros, livros em lugares diferentes, livros em meio aos brinquedos, leituras em duplas e outras possibilidades que chamem a atenção dos educandos (SILVA, 2017). Quanto a isso, afirma o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil que:

Ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida (BRASIL, 1998, p. 143).

Revistas e gibis também devem ser oferecidos aos pequenos e não somente os livros, pois ao aumentarmos a oferta de materiais de leitura, maiores serão as chances de a criança descobrir qual o gênero literário que mais chama a sua atenção. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 135) dispõe que “[...] o ato de leitura é um ato cultural e social”. Sendo assim, todas as escolhas feitas pelos professores devem ser cuidadosas, buscando contribuir ao máximo com a formação social das crianças.

O hábito de ler histórias auxilia no desenvolvimento emocional e na capacidade expressiva das crianças, fazendo com que elas se tornem adultos mais criativos, com maior capacidade de imaginação auxiliando, inclusive, na formação de um leitor mais crítico e consciente das leituras que escolhe. Um fator de extrema relevância é proporcionar que as crianças tenham contato direto com livros, manuseados por elas mesmas. Na maioria das escolas os livros apenas são lidos pelos professores e poucas vezes o contato com o papel é permitido aos pequenos, por medo que eles acabem estragando o material.

Mas como as crianças aprenderão a manusear os livros se não tiverem a oportunidade de realizar este

contato? Por isso, como explica Carvalho (2008), é necessário que existam minibibliotecas à disposição dos pequenos nas salas de aula, ou que exista na rotina da escola um momento em que os alunos possam visitar a biblioteca, para usufruir deste contato direto e particular com os livros. Permitindo-lhe o manuseio, a criança aprenderá a cuidar dos livros que está utilizando, como esclarece a autora:

A criança pode até divertir-se por algum tempo com a leitura e jogos em torno dela, mas, sem um quadro de referências culturais compartilhadas, o ato de ler dificilmente significará alguma coisa essencial em sua vida. A biblioteca escolar pode, sim, ser o local onde se forma o leitor crítico, aquele que seguirá vida afora buscando ampliar suas experiências existenciais através da leitura (CARVALHO, 2008, p.22).

Segundo Abramovich (1999), quando a criança ouve histórias, ela passa a refletir e valorizar de forma mais significativa os sentimentos que tem em relação ao mundo à sua volta. A literatura infantil permite o despertar de diferentes emoções, fazendo com que ela se descubra, se conheça melhor e amplie suas visões de mundo. Este contato com o mundo da fantasia permite que a criança também compreenda melhor as suas emoções, bem como as emoções das pessoas que estão à sua volta, como a raiva, o medo, a alegria e o amor. Esse mergulho no mundo dos sentimentos faz com que ela se torne um ser humano mais sensível aos sentimentos alheios.

É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantos outros mais, é viver profundamente tudo que as narrativas provocam [...] Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário (ABRAMOVICH, 1999, P. 17).



Nesse sentido, para gostar de ler a criança precisa, inicialmente, aprender a gostar de ouvir as histórias que lhe são contadas. Neste sentido, o professor faz o papel de mediador do processo de leitura e precisa fazer isso com destreza e empenho para que as crianças se interessem pelas histórias. Quanto a isso, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil estabelece que: “A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura” (BRASIL, 1998, p. 141).

Dessa forma, as crianças precisam ser incentivadas a fazer esta passagem de ouvinte a locutor para que, ao crescerem, possam dar continuidade à imersão ao mundo dos livros com autonomia. Assim, ao chegarem à vida adulta, poderão tornar-se leitores ávidos e críticos. Outro fator relevante para garantir a atenção dos alunos e garantir que o momento seja um sucesso é a forma como o professor irá contar a história. Sabemos que as crianças se distraem com facilidade, pois qualquer coisa que esteja ou aconteça ao seu redor faz com que a atenção seja perdida. O professor precisa ser criativo e utilizar métodos que sejam atraentes aos olhos dos pequenos, a leitura oral pode contar com a imitação das vozes dos personagens, como, por exemplo, o som dos animais.

Também é necessário explorar ao máximo todas as possibilidades de recursos, sejam eles sonoros e/ou visuais, utilizando gravuras, fantoches, bonecos e o que mais estiver ao seu alcance, tudo para fazer com que este momento seja encantador para os pequenos ouvintes. Sobre a riqueza de benefícios que o uso da literatura na educação infantil pode trazer ao processo de ensino e aprendizagem,

De Sousa e Bernardino (2011, p. 237) concluem que:

A contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a auto expressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem.

Contudo, como explica Souza (2018), toda essa preocupação com uma literatura adequadamente voltada para o público infantil é algo muito recente em nossa sociedade. No passado não havia essa definição de infância que existe hoje, pois as crianças eram vistas como mini adultos, que tinham as mesmas percepções de mundo e necessidades que os mais velhos, participando de todos os momentos da vida em sociedade presenciando, inclusive, guerras e mortes. As primeiras literaturas voltadas para o público infantil foram as fábulas religiosas que surgiram na Idade Média, as quais tinham o objetivo de educar as crianças para o mundo da religiosidade.

Dessa forma, a partir do século XVII começaram a surgir escritores preocupados em produzir histórias voltadas para o público infantil. Entre eles, o que mais se destaca é o escritor e poeta francês Charles Perrault, autor do clássico Os contos da Mamã Ganso, publicado em 1697. A coletânea contava com histórias como A Bela



Adormecida, Gato de Botas e Chapeuzinho Vermelho, clássicos dos contos de fadas que ainda hoje fazem sucesso entre as crianças. Daquela época para hoje em dia, a visão sobre infância vai se tornando cada vez mais minuciosa e fazendo com que a atenção aos pequenos se torne maior. Inclui-se a isso as preocupações pedagógicas trazidas pelo surgimento da escola como instituição voltada para a formação da burguesia. A partir do século XIX, além de as concepções de criança mudarem, mudaram também as relações familiares, que antes não eram tão íntimas e significantes. Neste cenário surgem também os Irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm), autores da obra *Contos de Fadas para Crianças e Adultos* que, como já dizia o nome, agradava a todas as idades e trazia histórias clássicas como Branca de Neve e os Sete Anões, João e Maria e Os Músicos de Bremen (ÀIRES, 1978).

Segundo sugere Zilberman (2015), durante o século XX e já no século XXI as preocupações dos autores de literatura infantil estão voltadas para questões complexas como o bem-estar social, meio ambiente e até mesmo assuntos mais delicados de serem abordados, como a morte, o divórcio dos pais, e os preconceitos, que estão cada vez mais enraizados em nossa sociedade. Em relação ao tema, a autora esclarece que:

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto

entre seus membros (ZILBERMAN, 2015, p. 13).

Dessa maneira, o cenário da produção de literatura infantil passou a mudar. Atualmente, os escritores produzem materiais cada vez mais diversificados, o que tem ampliado as possibilidades para os professores desenvolverem projetos que abordem temas transversais, contribuindo para a construção integral das crianças de forma lúdica, divertida e encantadora.

4 Análise e Discussão dos Dados

Neste tópico apresentamos a análise e discussão dos dados à luz da teoria, a partir da qual emergiram as inferências das autoras-pesquisadoras.

4.1 A literatura como potencializadora da imaginação e criatividade

Como vimos, a literatura tem a potencialidade de despertar a imaginação e a criatividade das crianças, contribuindo no processo de aquisição de conhecimentos. É através do imaginário que a criança vai experimentando novas possibilidades, vivenciando situações diversas, as quais talvez não tivesse a oportunidade de experimentar, a não ser através do mundo fantástico da literatura. Sendo assim, anuindo aos argumentos de Coelho (1986, p. 27) podemos dizer que a literatura infantil é, “antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e real, os ideais, e sua possível/impossível realização”. Neste sentido, Santana e Brandão (2016, p. 4) argumentam:

[...] os livros com as narrativas visuais podem constituir-se

em ferramentas para estimular o interesse das crianças pelos livros e pela leitura. Como sabemos, as imagens atraem os pequenos antes do texto escrito possibilitando, assim, que eles construam suas próprias histórias, ampliando sua capacidade de expressão verbal. [...] o contato com livros de imagem esteticamente bem construídos certamente também favorece o desenvolvimento de um olhar mais atento e crítico em relação ao que veem no mundo.

Como vimos, é possível observar o quanto a literatura infantil contribui para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade nas crianças, permitindo que elas se conectem com as histórias vivenciadas pelos personagens. Significa que “[...] somos capazes de sentir no texto os cheiros, os gostos, os sons, as cores e as formas do mundo, tocadas pela magia das palavras” (JOSÉ, 2007, p. 20). Dessa forma, vemos que a leitura contribui em aspectos pedagógicos, no processo de alfabetização e letramento, bem como em aprendizagens de cunho social. Algumas destas histórias apresentam situações de transformação e de superação por parte dos personagens. Tais transformações fazem parte da vida em sociedade e do processo de transição da infância à adolescência e, depois, para a fase adulta. A literatura, portanto, pode contribuir muito para este momento de mudanças.

Concordamos com Nunes (2017, p. 16) quando destaca que “a literatura infantil tem tudo a ver com a infância, pois infância é ser criativo, imaginar um mundo fantástico, é sempre estar criando ou recriando uma história”. Mais do que ensinamentos, a leitura começa a trazer prazer às crianças e assim se formam os futuros leitores. Este tipo de leitura é denominado por Oliveira (1996, p. 28) de leitura-prazer, a qual a autora caracteriza como

[...] aquela capaz de provocar riso, emoção e empatia com a história, fazendo o leitor voltar mais vezes ao texto para sentir as mesmas emoções. É aquela leitura que permite ao leitor viajar no mundo do sonho, da fantasia e da imaginação e até propiciar a experiência do desgosto, uma vez que esta é também um envolvimento afetivo provocador de busca de superação.

O mundo mágico da literatura envolve tanto as crianças, que elas passam a imaginar-se como seus personagens favoritos dos livros. Assim, de repente, os pequenos se tornam príncipes defendendo o seu reino, princesas corajosas em busca de liberdade, ou até mesmo um super-herói com poderes incríveis. Todo esse processo de imaginação contribui para o desenvolvimento pedagógico das crianças, pois ao se tornarem mais criativas agregam essa capacidade a todo o seu desenvolvimento educacional, emocional e social. Diante disso, estamos de acordo com Oliveira (1996, p. 27) quando a autora afirma que “[...] a literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira.”.

Assim, notamos que é possível influenciar “[...] de maneira indireta, o aprendizado e o desenvolvimento dos modos, gestos e ações embrionários do ato de ler, como prática histórica, discursiva e culturalmente constituída” (SOUZA, 2016, p. 58). A literatura infantil tem a capacidade de encantar o leitor através do potencial criativo que desenvolve. Ao entrar em contato com as produções literárias criadas especificamente para a sua faixa etária, as crianças identificam os seus anseios, facilitando a ampliação de seus horizontes, despertando alegria, diversão e, claro, muito aprendizado.



4.2 O trabalho do professor na educação infantil é facilitado pela literatura

A literatura, quando utilizada como recurso didático na educação infantil, auxilia o professor a abordar temas de nível mais complexo e delicado como a morte, possível separação dos pais e até mesmo questões ligadas à inclusão de alunos com deficiência. Entretanto, para que estas situações sejam possíveis, o professor precisa estar devidamente preparado para utilizar a literatura da melhor maneira durante as aulas, atrelando os livros aos conteúdos programados e às necessidades de intervenções que possam vir a surgir no dia a dia da turma. Como salienta Souza (2016, p. 58) “tal afirmativa sugere um cuidado didático-pedagógico redobrado por parte dos educadores dos pequenos”, uma vez que o professor assume o papel de mediador/leitor.

Quanto a isso, vale salientar a importância de uma formação de qualidade para os nossos professores, para que eles tenham conhecimento da importância de utilizar a literatura como mediadora do processo de aprendizagem e que saibam os meios para fazer isso da maneira mais eficiente possível. A LDB nº 9.394/96 destacou a relevância da formação de educadores competentes e comprometidos com sua prática cotidiana para atuar na Educação Básica, considerando-a como forma de garantir a todos os alunos em idade escolar o acesso a uma escola de qualidade.

Quanto à importância da formação de professores capazes de se tornarem mediadores de leitura para seus alunos podemos destacar que:

Em primeiro lugar, é necessário que o professor esteja munido de conhecimentos teóricos sobre a importância e a função da literatura infantil na formação da criança.

É preciso, também, que ele tenha estabelecido objetivos claros para o trabalho que irá desenvolver. De posse desses requisitos, pode, então, partir para a análise das obras que pretende selecionar (SARAIVA, 2001, p. 75).

Mas existe um fator que pode ser determinante para que todo esse processo de desenvolvimento seja possível. Trata-se do perfil do professor, que precisa ser um leitor crítico e isso vai muito além de dominar os conhecimentos pedagógicos que estudou durante a graduação. O professor precisa ter esse brilho no olhar, que busca encontrar em seus alunos, afinal, as crianças aprendem pelo exemplo (ALMEIDA, 2008; SILVA, 2017), e se o professor não acreditar naquilo que está fazendo, as crianças também não irão acreditar.

É preciso que esse mundo do “faz-de-conta” seja vivido pelos dois lados, o de quem lê e o de quem escuta a história, oportunizando momentos de contato prazeroso com a literatura e contribuindo para que tais momentos se tornem cada vez mais apaixonantes e importantes para as crianças. Assim, vemos que “quando a criança vive isso desde cedo, interessar-se-á a ouvir histórias, porque as fazem sonhar e entrar no mundo da fantasia acompanhada pelos seus heróis e princesas favoritos” (NUNES, 2017, p. 16).

5 Considerações Finais

O presente trabalho de pesquisa teve como objetivo refletir sobre o uso da literatura como recurso didático para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem de alunos da educação infantil. É perceptível o fato de que o uso da literatura como recurso didático desde a educação infantil contribui para o processo de ensino e aprendizagem das crianças em todos os aspectos,



sejam eles pedagógicos, facilitando a compreensão dos conteúdos curriculares apresentados durante as aulas, auxiliando no processo de alfabetização e letramento, bem como para a abordagem de assuntos de cunho social, os quais acabam sendo mais difíceis de trabalhar na escola.

Nesse sentido, percebemos também a importância da formação docente nessa temática. Só poderemos usar da literatura como aliada ao desenvolvimento de diversos aspectos, a partir de docentes que estejam bem preparados para tais ações. Portanto, a literatura infantil se apresenta benéfica para o desenvolvimento de crianças, desde que seja guiada por bons e bem preparados professores. Cabe ressaltar também a importância de docentes que saibam elaborar aulas e atividades com a literatura de forma criativa, lúdica e divertida, que atraia o interesse das crianças. Somente educadores leitores serão capazes de inspirar os seus alunos a desvendarem o mundo mágico, repleto de diversão e aprendizado que existe entre as páginas dos livros.

Desse modo, concluímos nossa pesquisa indicando como principal limitação a falta de uma pesquisa empírica com crianças e professores que utilizam da literatura no processo de ensino-aprendizagem. Assim, indicamos tais estudos para futuras pesquisas nesta temática.

NOTAS

*Doutora em Educação.

**Mestra em Educação e graduanda em Pedagogia.

***Graduada em Pedagogia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5 ed. São Paulo: Scipione, 1999.

ALMEIDA, Maria das Graças Queiroz. *A construção do gosto pela leitura: uma contribuição pedagógica para a formação de leitores*. 2008. 61 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2008. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/30>. Acesso em: 23 out. 2018.

ÀRIES, Philippe. *A História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1978.

Disponível em: <http://bit.do/e5qj6>. Acesso em: 22 nov. 2018.

ANDRÉ, Tâmara Cardoso. *Literatura Infantil: Práticas adequadas ajudam a despertar o gosto pela literatura*. *Revista do Professor*, Porto Alegre, n.78, p. 18-21, 2004.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Editora Edições 70, 2006.

BARRETO, Lilian Bertelli. *A Importância da literatura infantil na formação de alunos leitores*. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, 2019.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *Capital Cultural, Escuela y Espacio Social*. México: Siglo Veinteuno, 1997.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF, 1988.

_____. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, Brasília, DF, dez 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm. Acesso em: 25 nov. 2018.

_____. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.



_____. Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências, Brasília, DF, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm. Acesso em: 22 nov. 2018.

CANTO, Fernanda Soares Godoi Yano do; NUNES, Jéssica Cristina; SMANIOTTO, Jessyka Kelly Martins. A importância da leitura nos anos iniciais para a formação do leitor crítico. *Revista Uniesp*, p. 1-9, 2017. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170602124725.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

CARVALHO, Maria da Conceição. *A Biblioteca Escolar: temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

COELHO, Betty. *Contar Histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1986.

COLEMAN, James S. *Foundations of Social Theory*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

DE SOUSA, Linete Oliveira; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. *Educere et Educare*, v. 6, n. 12, 2011. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view-File/4643/4891>. Acesso em: 11 dez. 2018.

DE SOUZA, Jossimara; SANTOS, Joelma de Jesus Oliveira; FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. A importância da literatura na educação infantil e a formação social do aluno. In: Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, 2018. *Anais... Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional*, v. 11, n. 1, 2018.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. A escola e o ensino da leitura. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, n. 1, p. 39-49, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722002000100007&script=sci_abstract&tlng=es. Acesso em: 29 nov. 2018.

FRANTZ, Maria Helena Zacan. *A literatura nas séries iniciais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas SA, 2008.

JOSÉ, Elias. *Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças*. Porto Alegre: Mediação, 2007. 116p.

LOURY, Glenn C. A Dynamic Theory of Racial Income Differences. In: WALLACE, P. A.; LAMOND, A. M. (Eds.). *Women, Minorities, and Employment Discrimination*. Lexington, MA: Lexington Books, 1977.

LÚRIA, Alexander Romanovich et al. O desenvolvimento da escrita na criança: Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem, v. 12, 1988.

NOGUEIRA, Rita de Cassia Oliveira. *Ler nos anos iniciais: caminho para a formação do leitor*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/18101>. Acesso em: 10 nov. 2018.

NUNES, Maria Janaína Horácio. *A importância da literatura no desenvolvimento e aprendizagem da criança: olhar dos pais*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Fed-



eral do Rio Grande do Norte, 2017. Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/5940/3/ImportLiterDesenv_Monografia_2017.pdf. Acesso em: 18 dez. 2018.

OEA, Oficina de educação e cultura da organização dos estados unidos da américa. Primeira Infância: Um Olhar da Neuroeducação. Washington, 2010.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. Leitura Prazer: Interação participativa da criança com a Literatura Infantil na escola. São Paulo: Paulinas, 1996.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Manual Para Vigilância do Desenvolvimento Infantil no Contexto da AIDPI. Washington, 2005.

REICHERT, Evânia. Infância, a idade sagrada. São Paulo: Edições Vale do Ser, 2011.

REIS, Mariana Pereira dos; TORRES, Eneida Pena Pereira; COSTA, Beethoven Hortencio Rodrigues da. Infância, escola e literatura infantil: livro para criança não precisa ser educativo. Revista Psicopedagogia, v. 33, n. 101, p. 184-195, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000200008. Acesso em: 10 nov. 2018.

ROCHA, José Carlos. Políticas Editoriais e Hábito de Leitura. 2. ed. São Paulo: Com Arte, 1987.

SANTANA, Fabiana Andrade de; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. Como crianças leem livros de imagem? Revista Inter Ação, v. 41, n. 1, p. 165-188, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/36431>. Acesso em: 21 fev. 2020.

SARAIVA, Juracy Assmann. (org.). Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SOUZA, Aline Keyla de. Práticas de Leitura na Bibliote-

ca Infantil Maurício de Sousa do Colégio Motiva de João Pessoa. Trabalho de conclusão de curso (Biblioteconomia) - Centro de Ciências Sociais aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/13830/1/AKS20.02.2019.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2018.

SOUZA, Renata Junqueira de. Literatura infantil e primeira infância: políticas e práticas de leitura. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, n. 17, p. 43-59, 2016. Disponível em: <http://ken.pucsp.br/fronteiraz/article/view/28941>. Acesso em: 19 nov. 2018.

SILVA, Vanessa Alves Franco. A literatura na Educação Infantil e sua contribuição para a formação de leitores. Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia - Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA/Jaguarão-RS, 2017.

SILVA, Maiara Azevedo da; SAN MARTIN, Thalita Bittencourt; TADDEI, Mônica. HORA DO CONTO: CONTAR, ENSINAR E (RE) ENCANTAR. Revista Educar Mais, n. 1, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/718>. Acesso em: 18 nov. 2018.

SILVA, Emanuel Mateus da. A Literatura na Educação Infantil: A Formação de Leitores em uma Escola de Educação Infantil no Distrito de Cariutaba–Farias Brito–CE. Id on Line REVISTA DE PSICOLOGIA, v. 12, n. 42, p. 76-92, 2018. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1274>. Acesso em: 23 nov. 2018.

SOUZA, Renata Junqueira de. Literatura infantil e primeira infância: políticas e práticas de leitura. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, n. 17, p. 43-59, 2016. Disponível em: <http://ken.pucsp.br/fronteiraz/article/view/28941>. Acesso em: 18 nov. 2018.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.